

SOUL REBEL

REVIRAVOLTA

Copyright © 2016 Scarlath Kimberly Mascarenhas dos Santos

Copyright © 2016 LeYa Editora Ltda.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19.2.1998.

É proibida a reprodução total ou parcial sem a expressa anuência da editora.

Este livro foi revisado segundo o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Edição de texto

IZABEL ALEIXO

Preparação

MARIANA BARD E NINA LOPES

Revisão

BÁRBARA ANAISSI

Capa e projeto gráfico

LEANDRO DIITZ

Foto de capa

STUDIO10ARTUR/SHUTTERSTOCK.COM

Diagramação

ABREU'S SYSTEM

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M361s

Mascarenhas, Kimberly

Soul rebel : Reviravolta / Kimberly Mascarenhas. – 1. ed. – Rio de Janeiro : Leya, 2016.

400p. (Soul rebel ; 1)

ISBN 978-85-441-0383-8

I. Romance brasileiro. I. Título. II. Série

16-33782

CDD: 869.9

CDU: 821.134.3(81)-3

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS À
LEYA EDITORA LTDA.
AV. ANGÉLICA, 2318 – 12º ANDAR
01228-200 – CONSOLAÇÃO – SÃO PAULO – SP
WWW.LEYA.COM.BR

KIMBERLEY MASCARENHAS

SOUL REBEL

REVIRAVOLTA



EPÍGRAFE

A todo momento, a vida nos prega peças. Há quem diga que o tempo passa tão rápido que nós nem sequer conseguimos perceber a ausência das pessoas... Mas há também quem acredite que é preciso apenas um segundo, um milésimo de tempo, em algum plano desconhecido, para tudo acontecer... Não sei exatamente como ou quando foi, mas, entre vícios e virtudes, ele se tornou minha única droga.

PARTIE 1



CASSIDY

O som que ecoava nos alto-falantes se intensificava a cada batida. As pessoas dançavam, movimentando-se freneticamente, tornando impossível fazer o trajeto até a porta sem esbarrar em alguém. Meu coração estava descompassado. A adrenalina que corria em minhas veias acelerava cada vez mais os meus batimentos. A excitação contida deixava meu corpo em estado de alerta. Os olhares curiosos dos homens altos, largos e fortes estavam à minha procura. O *hit*, conhecido por todos, era remixado pelo DJ. Estava tocando “Diamonds”, da Rihanna, e as garotas dançavam sensualmente enquanto os caras desejavam tudo o que viam. A boate estava lotada, o que facilitava minha fuga, já que eu podia me perder no meio da multidão. As luzes psicodélicas deixavam minha visão um pouco turva. Claire, minha melhor amiga, me puxava pela mão, tentando nos desvenilhar da confusão.

A noite só estava começando, e nós já estávamos de saída. Os seguranças do local notaram a pressa com que Claire e eu passamos pela porta giratória que dividia a pista da chapelaria. Torcemos para eles não nos chamarem, porque aquele não era um bom momento para perguntas. Se viessem até nós, teríamos que mostrar nossas identidades – falsas –, o que poderia nos trazer problemas. E definitivamente não seria nada legal, pois precisávamos sair de lá com urgência.

Engoli em seco, sentindo um frio na espinha. Claire ignorou qualquer olhar questionador e continuou me arrastando até a saída. Eu estava chocada com o que havia feito, sem conseguir acreditar que tinha sido capaz de tamanha audácia.

– Corra, Caissy, corra! – gritava Claire, desesperada, alguns passos à minha frente.

Eu forçava minhas pernas a correrem o mais rápido possível. Diversas vezes, olhávamos para trás querendo verificar se não estávamos sendo seguidas. A sensação de que aqueles homens grandalhões estavam atrás de nós era desesperadora. Viramos correndo no terceiro quarteirão e seguimos à esquerda na Peachtree Street. Depois de tanto tempo forçando nossas pernas, não dava mais, eu estava no limite, totalmente sem fôlego. Meus pulmões ardiam pedindo oxigênio e alguns segundos de descanso.

– Claire...

– Corra, Caissy! Quem mandou você jogar a bebida no rosto daquele cara? Você é louca!

Claire estava tão exausta quanto eu, então suas pernas passaram a correr mais devagar e, pouco a pouco, ela foi mostrando outros sinais de esgotamento. Não aguentávamos mais nossos corpos. Se alguém aparecesse ali, não reclamaríamos de sermos carregadas. O cansaço era tanto que minha amiga se jogou no chão, se deitando de costas no asfalto liso.

A lua estava maravilhosa, cheia. Se eu não estivesse tão cansada, passaria o resto da noite admirando-a, mas meus pulmões não suportavam mais respirar tão rápido e forte. Apoiei as mãos nos joelhos, para tomar fôlego, com o corpo curvado e cansado. Em seguida, fiz o mesmo que Claire: me joguei no chão, sem aguentar mais meu peso.

– Não acredito no que você fez – disse ela, recuperando o fôlego, mas ainda um pouco ofegante.

– Ele tentou me agarrar, Claire! – protestei.

– Tudo bem, mas você jogou seu copo na cara dele. Caissy, você viu o tamanho dos seguranças que estavam com ele?

Claire fez uma careta.

– O copo, não. Só o que tinha dentro. – Dei um sorrisinho, levemente debochada. – E eles eram grandes, mas apenas dois – acrescentei, me arrastando para o meio-fio. – Nem conseguiram nos alcançar.

Claire riu de novo.

– Achei que os seguranças da boate fossem pedir nossos documentos.

– Meu coração foi na boca quando eles nos encararam.

– Tudo culpa sua! – esbravejou ela.

– Foi mal.

– Foi péssimo! Tinha um carinho a fim de mim, e eu tive a impressão de que ele ia falar comigo. Aí, quando olhei para o lado, você estava se metendo numa confusão e a gente precisava ir embora.

– Não estava me metendo em confusão nenhuma, estava me defendendo. Quem aquele cara pensa que é para me tocar daquele jeito? Ele não foi nada gentil, ninguém me agarra à força!

– Cassidy! – Claire alterou o tom da voz, demonstrando certa irritação. – Quem ele pensa que é? Como assim? Ele é Drew Becker! Um dos caras mais conhecidos nas ruas de Atlanta. Um playboy com uma fama meio ruim, mas supercobiçado pelas mulheres.

Caí na gargalhada.

– Ah, Claire, não exagere.

– É verdade! – Ela ficou defensiva. – Bom, pelo menos é o que dizem por aí. E tem mais, você já deve estar marcada.

– Marcada?!

– É, com certeza você está na lista do Drew Becker, e dizem que ele é vingativo.

– Olhe, Claire, eu só estava me defendendo! Não fiz nada de errado. Nem que ele fosse o cara mais perigoso do mundo, não faria diferença. Não deixo ninguém me tratar daquela forma!

Ela revirou os olhos.

– Você poderia ter dito que não estava a fim, que não queria, sei lá. Ou podia ter dado uma desculpa qualquer. Mas você foi logo jogando a bebida na cara dele. Tem noção do que fez, Caissy?

– Ah, era só uma aguinha com gás... E ele mereceu! Foi um ogro! Você tinha que ver como falou comigo.

– Mas ele é bonito... – retrucou ela, animando-se e me fazendo rir.

– E daí? Bom, confesso que sua beleza também me chamou atenção inicialmente.

– Então você deu mole para ele?!

Ela me fitou. Senti minhas bochechas queimarem e meu sangue fervilhar.

– Não – respondi, rindo. – Não foi bem assim. Vi quando ele chegou, acompanhado de dois seguranças. Fiquei curiosa, imaginei que ele fosse alguém importante. Notei que ele era bonito, realmente... Mas eu não estava dançando *para* ele. Eu só estava dançando.

– Cassidy, não minta para mim!

– Ok, fiquei olhando para ele enquanto dançava, mas não achei que ele fosse agir daquela forma. Claire, eu me virei de costas para pegar meu copo e, em segundos, o cara estava colado em mim. Ele queria que eu sásse da boate com ele!

– E por que, em vez de jogar sua bebida na cara dele, você não disse simplesmente que preferia continuar na boate?

Claire estava tornando as coisas tão óbvias... Mas, naquele momento, tinha me sentido ofendida, então precisava fazer aquilo.

– Eu disse – contive o riso, não mais envergonhada –, mas ele alegou que qualquer outra mulher da boate toparia sair de lá acompanhando-o, porque qualquer pessoa sensata desejaria ficar com ele. Achei muito arrogante! E eu ainda me senti humilhada quando terminou de falar comigo e, do nada, começou a dar mole para a ruiva ao meu lado, como se nós dois não tivéssemos acabado de flertar. – Claire estava chocada, boquiaberta. – Então, não pensei duas vezes e elegantemente joguei minha bebida na cara dele.

– Caissy! – Claire gargalhou.

– Ele não precisava ser tão bruto! Tudo estava indo bem, nós poderíamos ter conversado mais um pouco... Ele até parecia legal.

– Não acredito que você estava procurando alguém para casar numa boate de Atlanta. E acredito menos ainda que você deu um pé na bunda de Drew Becker.

– Nossa, mas parece até que ele é um mito, um deus! Eu, hein... Nunca ouvi falar desse cara.

Ela deu de ombros.

– Mas você não é muito bem informada sobre as notícias das ruas e dos becos, né, amiga? Não se esqueça de que euzinha tenho muitos contatos. Já ouvi falar dele, e algumas coisas não muito boas. Ninguém

sabe seu verdadeiro nome. Só ouço as pessoas dizerem Drew Becker. – Ela respirou fundo, me encarando mais uma vez. – Acho que ele é bem rico. E talvez meio arrogante também. Mas o principal é que as pessoas comentam que é bom manter distância dele. Muita gente o teme, já ouvi dizer que ele é meio perigoso, mas não sei bem o porquê. Só sei que ele é muito gato, sexy e gostoso!

– Menos, Claire – contestei, e ela se calou, observando a lua que começava a desaparecer no céu. – Mas ele tinha um olhar muito intenso, realmente. Um olhar que me deixou sem jeito. Talvez, se tivesse sido um pouco mais educado, até pudesse ter rolado algo. Ele tinha um sorriso encantador – falei, suspirando.

– Cassidy, já percebeu que você encaixa esse seu vocabulário de princesa em tudo? “Ele tinha um sorriso encantador.” – Ela me imitou, revirando os olhos. – Garota, ele não é boa coisa! Não romantize. Definitivamente, você estuda no lugar certo – ironizou, levantando-se e batendo uma mão na outra, sacudindo um pouco da poeira do chão.

Sorri e resolvi desviar o foco da conversa:

– Mas a noite foi legal, não foi?

– Tirando o fato de que você acabou com o meu lance, deu um fora num deus grego e ainda por cima armou aquela confusão com ele, que era ninguém menos que Drew Becker... – ela sorriu – Foi divertido.

– Também achei.

As ruas estavam silenciosas, e fizemos todo o trajeto em silêncio. Com exceção do som dos latidos, do vento e do salto alto dos sapatos de Claire batendo no chão áspero, a noite era só calma e sossego.

Eu tinha a impressão de que jamais encontraria um sorriso tão belo quanto o de Drew Becker. Seus olhos frios e misteriosos continuavam em minha mente. Ao me lembrar da atitude que tivera, me sentia patética, mas não arrependida. Enquanto Claire caminhava um pouco distraída, sem notar meu sorriso bobo ao seu lado, eu pensava nas coisas que ela me dissera. Será que aquele cara tão lindo realmente era aquilo tudo o que diziam? Será que ele era tão perigoso quanto seu olhar demonstrava? Era ridículo, mas interessante e curioso pensar que um homem com tamanha reputação tivesse se interessado logo por mim, uma garota de 17 anos que vivia reclusa num colégio católico, comandado por freiras. Tudo bem

que o final da história havia sido desastroso, mas seus olhos diziam por si só que ele encontrou algo em mim com que nunca se deparara até então, como se uma conexão imediata tivesse surgido no instante em que nossos olhares se cruzaram. Como um despertar das almas.

A luz do dia irradiaria no céu em instantes e, em algumas horas, voltaríamos para nossa rotina. Percorremos os corredores do colégio tentando fazer o mínimo de barulho possível. Não podíamos deixar as freiras nos flagrarem. Se elas nos encontrassem perambulando pela área dos dormitórios àquela hora da manhã e com aqueles trajés “mundanos”, como elas diriam, com certeza estaríamos muito encrencadas.

O colégio católico abrigava meninas de todas as idades até os 18 anos, e era um verdadeiro lar para muitas de nós. Desde os 9, aquela era a única casa que eu conhecia. Meus pais se separaram quando eu tinha cerca de 4 anos. Mamãe sofria de uma doença mental, na época não muito séria. Ela era uma ótima mãe, mas aos poucos a doença e os remédios foram consumindo tudo o que tinha de bom. Vi mamãe definhar aos poucos e passar a ser diagnosticada como um perigo para sociedade. Eu nunca poderia imaginar que ela fosse psicótica ou que representasse alguma ameaça para mim, porém os médicos foram categóricos. A cada nova consulta, o quadro se agravava. Depois de algum tempo, só restou uma única coisa a ser feita: mamãe foi internada numa clínica psiquiátrica. Quer dizer, eu não pude fazer nada, na verdade. Meu pai a colocou lá e sumiu no mundo. Deixou apenas um fundo de investimentos para mim, que era controlado pela mãe superiora do colégio, para a minha criação, mas não manteve contato conosco. Ele não aguentou a barra e nunca mais teve coragem de voltar. Apenas fazia contatos remotos com a mãe para eventualidades.

No colégio, eu era a aluna mais antiga, depois de Claire Gates, minha melhor amiga. Claire sempre foi minha família naquele lugar, a única com quem eu podia contar quando precisava. Ela era daquelas que daria a própria vida por mim. Sabíamos como fugir do colégio para curtir as noites badaladas de Atlanta sem deixar vestígios. Esse era nosso único consolo, a maneira que Claire e eu encontrávamos para nos divertir, afinal de contas éramos adolescentes. No auge dos meus 17 anos, se me perguntassem qual era meu maior desejo na vida, provavelmente minha

resposta seria ter 21 anos, para ser maior de idade e, enfim, poder fazer tudo o que quisesse. Estávamos sempre à procura do perigo, da sensação de estar no limite e de que a qualquer momento seríamos pegos. Esse era o melhor remédio para qualquer coisa que pudéssemos sentir. Adrenalina é uma substância que vicia. A partir do momento em que corre em suas veias, a cada instante que passa você deseja um pouco mais.

Observei o relógio na cabeceira da cama e deduzi que não conseguiria dormir nem duas horas até ter que estar oficialmente de pé. Prefери ficar acordada, então. Viraria um zumbi no meio do dia, mas com certeza era mais seguro do que perder a hora.

Eu precisava me livrar daquelas roupas e vestir o uniforme. Minhas pernas estavam doloridas como se eu tivesse passado o dia fazendo uma aula de ginástica. Faltavam algumas horas para as atividades regulares do colégio começarem e eu já estava com dor de cabeça só de pensar que não poderia dormir o resto do dia, com as aulas e os deveres a fazer. Sentei, cansada, e fui tomada de tristeza ao olhar para aquele quarto e para a cama – que parecia estar deliciosamente quentinha – e saber que não poderia me deitar nem um pouquinho. Claire já tinha ido para o quarto, e eu nem sequer havia colocado as meias. Depois de alguns instantes de uma inércia profunda, com as mãos apoiadas nas pernas, me levantei e fui me arrastando até o banheiro, totalmente sem forças. Era o máximo que eu conseguia fazer depois de ter corrido tanto. Lavei o rosto para me livrar de toda aquela maquiagem. Normalmente eu não costumava me maquiar muito, me sentia incomodada com o fato de estar com o rosto artificial demais, mas Claire sempre dizia que isso era preciso para que os seguranças das boates não suspeitassem de nós.

O relógio marcava quase sete horas, e comecei a acelerar para que nenhuma das freiras me surpreendesse e encontrasse alguma coisa no meu quarto. Assim que pensei nisso, quase tive um troço com uma leve batida na porta.

– Cassidy?

Estava quase tudo pronto, faltava apenas esconder as roupas em algum lugar. Minhas mãos tremiam incontrolavelmente, delatando que havia algo errado ali. Eu estava tensa demais, não sabia mentir muito bem e, sem Claire, ainda piorava um pouco. Não costumavam visitar

meu quarto tão cedo, a não ser que desconfiassem de algo. Derrubei algumas coisas no chão e enfié as roupas dentro do armário que ficava embaixo de uma pequena pia.

Minha respiração estava acelerada. Joguei mais um pouco de água no rosto e, ao ouvir a segunda batida, bem mais forte que a primeira, corri para a porta.

– Bom dia, irmã Teresa. A sua benção.

Tentei parecer o mais natural possível para uma moça que usava aquele uniforme impecável e tinha um crucifixo marrom de madeira no pescoço.

– Bom dia. Deus te abençoe, menina – disse a irmã, invadindo o quarto sem ao menos pedir licença.

Eu não sabia por que ela estava tão cedo no meu dormitório. Além disso, as vistorias costumavam ser aos sábados de manhã. Será que ela desconfiava de algo? Eu não conseguia decifrar seu olhar e sentia as palmas das mãos ficando úmidas. No entanto, não tinha por que desconfiarem, afinal, Claire e eu não tínhamos deixado pistas.

– Nossa... – Sorri de nervoso. – Aconteceu alguma coisa, irmã? Está um pouco cedo para a hora do café, e a senhora já começou a fazer a vistoria nos quartos... Aliás, a vistoria mudou de dia? Deixou de ser aos sábados?

– Não estou fazendo vistoria, Cassidy.

– Não? – Minha voz saiu um pouco exaltada.

– Não – disse ela, sorrindo sem mostrar os dentes. – Você dormiu com a janela e as cortinas abertas?

– Não. – Passei a mão no cabelo, num gesto de nervosismo. – Acabei de abri-las. Está uma manhã tão linda... Antes de começarmos nossas atividades, gosto de admirar um pouco o céu.

Ela sorriu outra vez.

– A madre superiora quer falar com você.

– Comigo? – Minha resposta soou como um grito desesperado.

– Sim.

– Tão cedo? Antes do café? – perguntei, me sentando na cama, já pensando no castigo que receberia. Ou, pior, que seria expulsa do colégio. – Tem certeza de que ela quer falar comigo? Não é com a outra Cassidy?

– Não, menina – respondeu, me colocando de pé. – Ande, se arrume, a madre quer você na sala dela, minha jovem. E é você mesma, Cassidy Anderson.

– Tudo bem – murmurei, decepcionada.

Foi fácil encontrar os sapatos no canto da porta. As meias até o joelho, encobertas pela saia azul-marinho que batia na altura da canela, combinavam com a gravata vermelha, e a camisa de algodão, tão branca quanto papel, me deixava pálida. Meu cabelo preto, comprido e solto contrastava com a palidez e as olheiras evidentes em meu rosto. Uma noite sem dormir e o resultado: uma cara péssima.

Enrolei o máximo que pude. Ter que falar com a madre superiora me pegou totalmente desprevenida, e algo me dizia que as coisas não acabariam bem. Irmã Teresa me encarava sem paciência, sentada na minha cama aconchegante. Era a terceira vez que eu penteava o cabelo, querendo adiar ao máximo o momento em que sairia daquele quarto para receber minha sentença.

– Deixe de ser vaidosa, menina. Já penteou demais esse cabelo. Está bonita o bastante. Parece até que não está querendo ir à sala da madre.

– Não é isso! Só estou me arrumando, desculpe pelo inconveniente, irmã. Podemos ir.

– Graças a Deus!

Ela se arrastou até a porta, abriu-a e saiu antes de mim. Respirei fundo, reunindo coragem, e depois também deixei o quarto. Percorri o caminho todo em passos curtos e pensando em que desculpas daria por ter fugido do colégio. Nenhuma seria aceita nem justificaria o que tínhamos feito, principalmente se soubessem onde estávamos. Mas, se disséssemos que estávamos muito arrependidas, talvez pudéssemos receber o perdão.

Claire não estava na sala de espera. Vasculhei todo aquele cômodo frio e silencioso com os olhos, à sua procura, mas não a encontrei. Minhas mãos tremiam só de pensar na madre superiora nervosa. E eu não queria decepcionar mamãe. Se eu fosse expulsa do colégio, ela com certeza ficaria sabendo.

– Vá logo, Cassidy, a madre está à sua espera – disse irmã Teresa, me tirando dos meus devaneios.

Aquela porta grande e marrom com maçaneta dourada me assustava. Parei e olhei para trás em busca de alguma alternativa, mas irmã Teresa me repreendeu com o olhar, me obrigando a entrar. Sentia minhas mãos ficarem ainda mais trêmulas. Bati de leve à porta e, logo em seguida, girei cautelosamente a maçaneta dourada.

– Com licença, madre.

Assim que entrei na sala, notei que Claire também não estava ali.

Era só o que me faltava: ser responsabilizada sozinha por tudo. Mas Claire não faria isso comigo, não me abandonaria numa hora dessas, não era do tipo que deixaria eu me prejudicar daquela forma. Era mais fácil ela assumir toda a culpa.

Deixei a porta entreaberta para o caso de precisar... escapar dali.

– Com licença, madre. A senhora quer falar comigo?

Eu estava muito aflita e não conseguia esconder isso. Meu tom de voz baixo denunciava que havia algo errado.

– Sente-se – ordenou a madre, apontando para a cadeira em frente à sua mesa. – Pedi para buscarem você em seu dormitório, pois tenho um assunto muito sério a tratar, mas prometo que serei o mais breve possível.

Engoli em seco, assentindo.

– Querida, quero deixar bem claro que todas nós aqui do colégio estaremos sempre ao seu lado. Pode contar conosco, você é como uma filha para nós, uma das nossas alunas mais antigas.

Exalei ruidosamente, demonstrando todo o meu nervosismo. Ela continuou:

– Algumas pessoas acham que, em determinadas circunstâncias, devemos falar as coisas por partes, que ir direto ao ponto pode ser doloroso demais. Mas prefiro dizer de uma só vez. Afinal de contas, a maneira de falar não vai alterar o que tem de ser dito.

Quanto mais a madre falava, mais angustiada eu ficava. Já estava esperando pelo pior. Se tinham nos descoberto e eu seria expulsa, preferia saber de uma vez. Afinal, se não fosse isso, o que mais seria? Eu podia ser péssima aluna em comportamento, mas minhas notas eram excelentes. Então será que eles relevariam?

– Madre, o que está acontecendo? Por favor, diga logo, porque está me deixando muito aflita.

– Fique calma. A paciência é uma virtude, menina.

Uma virtude que eu não tinha. Havia algo muito ruim no ar, mas eu não conseguia identificar o que era. Meu coração estava apertado. Eu senti um mau pressentimento. Percebi que a madre procurava as palavras certas para retomar o assunto e comecei a sentir uma dor forte no peito.

Ela fez uma pausa, depois recomeçou de um modo meio dramático:

– Primeiramente, como eu disse, quero que saiba que você não está sozinha. Conheço sua história e suas origens. Todas nós sentimos um grande carinho por você, Cassidy. Neste momento, tudo de que precisa é ter serenidade. E fé! Com o tempo, tudo vai se estabilizar e a vida entrará novamente nos eixos.

A situação estava ficando muito estranha. Tentei relaxar na cadeira e entender aonde aquela senhora de quase 80 anos pretendia chegar.

– Esta manhã, recebemos uma ligação da clínica onde sua mãe estava internada...

Gelei.

– Estava?! O que aconteceu com ela? – perguntei, dando um pulo da cadeira, já sentindo meus olhos marejados de lágrimas.

– Cassidy, olhe...

– Madre, por tudo o que há de mais sagrado, não me esconda nada, por favor! O que... aconteceu... com mamãe?

Ela respirou fundo e olhou para a mesa, como se procurasse as palavras certas para lidar com aquela situação. Neguei com a cabeça, porque de repente entendi o que ela estava querendo me dizer. Não poderia ser verdade.

– Sua mãe... Sua mãe faleceu hoje de manhã, Cassidy – disse, confirmando o que eu temia.

Fiquei paralisada. Sem nenhuma reação. Minha mente repassava bem devagar cada uma das palavras que a madre dissera, cada gesto e volta que havia feito para me dar a notícia. Eu tinha a impressão de que não havia mais chão debaixo dos meus pés, como se um abismo imenso tivesse sido aberto na minha frente. Senti uma necessidade enorme de negar o que ela me falara. Minha mente ficou em pane e tentava me convencer de que tudo não passava de um grande engano.

Não, mamãe não estava morta. Era impossível. Não podia ser.

– Cassidy, venha cá...

A mãe se levantou da cadeira com certa dificuldade para tentar me confortar, mas me esquivei do seu toque, desprezando qualquer piedade.

– Quero falar com mamãe – disse, de forma rude. – Ligue para a clínica agora mesmo e diga que preciso falar com ela! Isso não é verdade, não pode ser verdade!

– Cassidy...

– Não, minha mãe, não. Por favor, diga que isso não está acontecendo, que estou ficando louca e isto não passa de um pesadelo. Será que estou ficando doente também? Igual a ela? Será que é hereditário? Quero acordar, me tirem daqui, quero acordar!

Meus gritos preenchiam a sala. Eu sentia como se meu peito estivesse sendo rasgado. Uma dor lancinante... Aquela pequena senhora, parada na minha frente, me encarava assustada. Ninguém era capaz de entender como doía. A dor era tanta que eu já não estava aguentando mais e não conseguia compreender nada direito. Mamãe não podia ter ido embora e deixado sua menina para trás. Eu havia prometido a ela... Prometi que, quando ela saísse daquele lugar, eu cuidaria dela para sempre, até os últimos dias de sua vida. E eu resgataria a felicidade em nossa vida. Ela não podia ter partido assim...

– Minha querida, procure manter a calma.

– Calma?! – perguntei, exaltada, o que fez a mãe me olhar espantada. – A senhora está me pedindo para ter calma? Mãe, minha mãe... Minha mãe morreu. A única pessoa que me amou de verdade, a única pessoa que me fazia lutar por alguma coisa foi embora. Não posso ficar calma, não tenho como ficar calma.

As lágrimas escorriam pelo meu rosto, não conseguia controlá-las. Eu me sentia mais do que sozinha. Agora era para valer: ela se fora para sempre.

– Não! Não, Cassidy, você não está sozinha.

– Estou sozinha, sim – afirmei, entre soluços. – Sempre estive sozinha, mas agora a situação é muito pior, porque sei que nunca mais vou vê-la. Sei que, quando eu sair daqui, não vou cuidar dela como prometi.

– Olhe, localizamos uma amiga da sua mãe. Para falar a verdade, ela entrou em contato conosco assim que recebemos a notícia do falecimento.

Como se quisesse acabar com meu desespero, ela despejou aquelas palavras em cima de mim.

– E ele? Onde é que o cafajeste do meu pai está? Fale, madre, o que foi que ele disse? Ele não se importa, não é? Nem ligou para saber como estou.

– Cassidy, a amiga da sua mãe conseguiu uma autorização para que você fique com ela, pelo menos por algum tempo. – A madre parecia se esquivar das perguntas diretas que eu fazia sobre meu pai. – Nós conseguimos entrar em contato com ele, que disse que a senhora Deborah Becker tem permissão para tirar você do colégio.

– Assim, tão fácil? Vocês estão me enxotando? Nunca ouvi falar dessa mulher. – Minha cabeça doía e eu a pressionava com as mãos. Parecia que tudo ia explodir dentro de mim. – Não faço ideia de quem seja!

– Cassidy, você precisa de um tempo para descansar, e passar esse tempo com pessoas que estão sentindo a mesma dor que você talvez lhe faça bem. Você tem minha autorização para deixar o colégio por algumas semanas. De qualquer jeito, a semana das férias de primavera está chegando... Encare isso como uma antecipação. Você é ótima aluna, suas notas estão muito boas, então não vai lhe custar o ano letivo perder as duas semanas de aulas que faltam até as férias. Terminado esse período, se você estiver melhor, pode voltar para cá. Nossas portas estarão sempre abertas.

– E eu deveria ficar feliz ouvindo isso?!

– Entendo que seja difícil lidar com a perda da sua mãe, mas procure ter fé, minha querida. Precisamos confiar nos planos de Deus. Sua mãe foi ao Seu encontro, e nós devemos rezar por ela para que encontre a vida eterna. Mantenha sua fé e suas orações, e o tempo há de transformar essa dor que você está sentindo numa saudade mais tranquila.

– Mas o tempo não vai trazê-la de volta... – comentei, com amargura.

– Mas você vai guardar para sempre no seu coração as melhores coisas que ela lhe deixou – disse, sorrindo gentilmente. – Suas lembranças agora são seu maior tesouro, Cassidy. Tenho certeza de que ninguém pode lhe tirar isso. Não seja muito severa consigo mesma, não deixe a mágoa tomar conta de você. Vamos lá. Arrume suas coisas. Conheça a senhora Deborah, faça coisas que deixariam sua mãe feliz. Tente, inclusive, aproveitar

esse grande período de férias que vai ter. Use o tempo que terá para refletir e estabelecer quais serão suas prioridades daqui para a frente. Lembre que em pouco mais de dois meses estaremos em junho, e você vai se formar.

Mesmo com todas as palavras que a mãe me dissera, a sensação de que, dali em diante, as coisas só dariam errado na minha vida me dominava. Tudo havia acabado e eu me sentia perdida. Mãe não estava mais à minha espera, não iria à minha formatura no colégio, não presenciaria minhas conquistas profissionais nem me ajudaria a escolher um vestido de noiva um dia. Nossa história juntas havia acabado e eu não me sentia capaz de reconstruir minha vida sem ela. Os muros do colégio deixaram de ser os obstáculos dos quais eu tentava escapar. Na verdade, depois de ouvir aquela notícia, eles haviam se tornado meu único refúgio. Eu sentia um vazio no peito, e imagens dos momentos que vivemos juntas invadiam minha mente. Quando crianças, nosso maior medo é perder nossos pais. Só de pensar nisso, nos desesperamos. Mas nunca pensei concretamente que um dia isso aconteceria de fato; nunca imaginei que essa dor estivesse tão próxima e pudesse ser real.

Terminei de arrumar minhas malas, mas ainda não estava preparada para sair do quarto. Peguei o único retrato dela que eu tinha e me escondi no banheiro, chorando sem parar. Não ouvi a porta se abrir e levei um susto quando Claire se sentou ao meu lado.

– Ela se foi, Claire. Minha mãe morreu. Estou sozinha – disse, aos prantos, me jogando nos braços dela.

– Não, Caissy! – Ela me abraçou forte. – Você tem a mim, nós somos irmãs! Não somos irmãs de sangue, mas somos irmãs de alma. Você não está sozinha. Sua mãe se foi, mas sei que ela sempre estará ao seu lado, protegendo você, de onde quer que esteja.

Eu me desvencilhei dos braços dela e olhei para o chão.

– Não vou passar as férias de primavera aqui como todos os anos.

– É, eu sei. – Ela suspirou, relaxando. – Todas estão comentando pelos corredores que “Cassidy finalmente vai sair do internato”.

– É... Sempre quis sair daqui, ter férias legais. Mas nunca imaginei que fosse conseguir sair por esse motivo. – Suspirei. – Vou passar férias na

casa de uma tal de Deborah, velha amiga da minha mãe, mas não faço ideia de quem seja essa mulher.

Enxuguei as lágrimas, fungando.

– Aposto que ela é legal. Tenho certeza de que você vai conseguir dar perdido nela e me acompanhar nas festas.

– Não, Claire. Não vou fazer isso enquanto estiver lá.

Ela riu.

– Como não? Você me fez perder um gatinho especial! É mais do que sua obrigação sair comigo para ver se encontro aquela peça rara de novo.

Revirei os olhos, me levantando do chão.

– Pode me ajudar com as malas?

– Só porque você está emocionalmente debilitada.

Eu não conhecia nenhum parente. Tanto a família do meu pai quanto a da minha mãe não sabiam que eu existia. Meus pais nunca me contaram nada sobre suas famílias e seus amigos. Todo o tempo que passei trancada dentro do colégio foi porque eles queriam o meu bem, segundo diziam durante os primeiros anos que passei lá. Mamãe aceitava tudo o que meu pai impunha; ela não tinha saúde mental para dizer se o que ele fazia era certo ou errado. Os remédios que tomava a deixavam incapaz. Fui uma criança abandonada, sozinha, com a justificativa de que assim seria melhor para mim, pois minha mãe era doente e meu pai não conseguia enfrentar toda aquela dor, e preferia que as freiras cuidassem de mim. Que balela! Na época, eu não tinha idade para entender o que estava acontecendo. Era inocente demais, acreditava em cada palavra que os adultos diziam. Confiava que aquilo era só temporário, que um dia alguém iria me buscar, que eu teria minha família e minha casa de volta... Só que com o tempo fui percebendo que isso era apenas uma fantasia minha. Uma fantasia que eu havia criado para não sofrer tanto ao me dar conta de que estava só no mundo. Eu sentia ódio de Ethan, meu pai. Sentia uma raiva imensa daquele homem covarde que abandonou a mulher com problemas mentais num hospital psiquiátrico e a filha num colégio católico que funcionava como internato, sem nunca mais ter aparecido para nos visitar. Eu nunca iria perdoá-lo. E também passei a achar que ele era um dos grandes culpados pela morte da mamãe.

Quando segui de volta para a sala da madre superiora, todos estavam à minha espera. Claire me acompanhou até a porta e nos despedimos ali mesmo. Depois que ela se foi, encarei os fatos e entrei na sala, indo ao encontro do meu futuro.

– Esta é a nossa menina – disse a madre, comovida, exibindo um sorriso.

A mulher que estava sentada numa das poltronas ficou de pé. Ela tinha um cabelo comprido preto e sedoso; lindos olhos azuis; e sua pele era tão branca que poderia ser comparada a porcelana. Era pequena e parecia uma boneca. Usava um vestido casual e sandálias rasteiras e me encarava emocionada. A surpresa em seu olhar revelava o que algumas pessoas costumavam me dizer: ela também devia me achar muito parecida com minha mãe.

– Oi! – disse ela, esticando a mão para mim. – Sou Deborah Becker.

– Sou Cassidy – sussurrei, envergonhada.

– Você está pronta para passar algumas semanas na minha casa? Acho que vamos nos dar bem.

Ela parecia simpática.

– Já deixei bem claro para a senhora Deborah que, se acontecer alguma coisa, ela pode entrar em contato comigo, sem nenhum problema. Mas sei que você será uma boa menina e se comportará muito bem.

– Aposto que nada de mais vai acontecer. E você vai ter um monte de coisas para contar depois, quando voltar.

Baixei o olhar, assentindo. A ponta do meu nariz estava tão vermelha quanto a de um palhaço. Minhas pálpebras estavam pesadas e ardiavam. Eu me sentia exausta.

– Vamos? – Deborah voltou a sorrir, esticando a mão para segurar a minha. – Estou muito ansiosa. Acho que você vai gostar de onde moro. – Ela passou a mão em torno dos meus ombros e deu um beijo em minha testa. – Prometo que vou cuidar bem de você, Cassidy.

Depois de oito anos, eu estava deixando o internato para passar um tempo fora pela primeira vez, para passar férias na casa de uma amiga da mamãe, da qual eu não fazia ideia da existência. Deborah aparentava ser uma pessoa muito agradável e tinha um sorriso angelical e confiante. Observei que ela sorria daquele jeito o tempo todo. Mesmo distraída, prestando atenção na estrada. Era hora de encarar um mundo novo.